

**“SER-CORPO”: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO HERMENÊUTICO SOBRE AS
DEFICIÊNCIAS NA ERA DA TÉCNICA**

Eixo Temático ET 07 - Corpo e Psicologia à Luz da Fenomenologia

Existencial: Experiências Dissidentes

Rui Gonçalves da Luz Neto ¹

Caio César da Paz Santos ²

Eder Oliveira Teixeira ³

Túlio Luiz Santos Pereira Henriques ⁴

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto ⁵

RESUMO

Este escrito tem como premissa a problematização do binômio corpos-capazes/corpos-incapazes, partindo da experiência de corpos de-eficientes. O fio condutor desta é o questionamento do modelo biomédico, que calcula, mensura, controla e disciplina corpos. Assim, pretendemos altecar quais corpos são importantes-perfeitos e quais são vergonhosos-defeituosos. Recorremos ao pensamento de Heidegger, no âmbito da Ontologia Fundamental, como possibilidade de tematização de uma compreensão possível do corpo como modo de ser, como corporar, em suas contingências históricas. Guiados pelo pensamento heideggeriano, propomos um diálogo com movimento pós-estruturalista, como a Teoria *Crip* e os *Disability Studies*, para questionar corpos hegemônicos e assim buscar compreender o fenômeno do capacitismo.

Palavras-chave: Capacitismo; Corporar; Deficiência; Fenomenologia, Hegemonia.

INTRODUÇÃO

A reflexão proposta neste escrito tem como premissa problematizar o fenômeno do capacitismo, questionando a hegemonia do binômio capaz-incapaz vigente nas sociedades industriais, a partir da compreensão das deficiências. À luz do pensamento de Martin Heidegger e sua Ontologia Fundamental, lançamos um olhar para o “corporar” em suas possibilidades

¹ Doutorando do PPGPSI da UNICAP – PE (CAPES), rui.2022803085@unicap.br;

² Mestre em Psicologia Clínica pela UNICAP - PE, caiocpaz@gmail.com;

³ Mestrando do PPGPSI da UNICAP - PE (CAPES/PROSUC), ederteixeira.psi@gmail.com;

⁴ Doutorando do PPGPSI da UNICAP – PE (CAPES), tlsantos17@gmail.com;

⁵ Docente do PPGPSI da Universidade Católica de Pernambuco -PE - carmen.barreto@unicap.br.

fáticas. Nessa tessitura, também recorreremos aos estudos sobre as deficiências, que, desde a década de 1980, contribuem para traçar novos caminhos de compreensão das experiências dissidentes.

Pensar na situação de corpos de-eficientes é olhar para quase 25% da população brasileira, segundo dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE, 2010). Em todo o mundo, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), há mais de um bilhão de pessoas com algum tipo de deficiência (OMS, 2012). Nesse sentido, Gesser *et al.* (2019) consideram que estudos fundamentados na complexidade das vivências de pessoas consideradas com deficiência são indispensáveis para a construção de políticas sociais de inclusão e diversidade. Tomando como definição o disposto no Decreto nº6.949/2009, as pessoas com deficiência são:

[...] aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2009).

Desse modo, os documentos de ordem mundial determinam que as barreiras sociais construídas no cotidiano desses sujeitos devem ser abolidas (BRASIL, 2015). Assim, dispositivos legais brasileiros e internacionais apontam como prioridade a construção de políticas públicas que fomentem a inclusão (GESSER *et al.*, 2019). Transpassando o olhar biomédico, Diniz (2007) aponta que a deficiência é uma questão sociológica, não sendo uma desigualdade natural, mas é uma força opressora sobre a matéria-corpo. Assim, a nossa reflexão insere-se num olhar fenomenológico para as deficiências, rompendo com modelo biomédico. A ideia seria situar a discussão em nosso horizonte histórico, o qual procura reificar a compreensão dos corpos. Propor, então, como possibilidade compreensiva a destruição do modo técnico de compreensão propondo um modo outro de compreensão do corpo como ser-corpo, isto é, como modo de ser que se realiza, a cada vez, no existir.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo teórico, construído a partir de uma pesquisa bibliográfica, realizada entre os meses de janeiro e julho. Nessa tessitura, os fios que nos conduzem são estudos sobre a deficiência e a *Teoria Crip*, que emergem a partir dos estudos de gênero e dos movimentos sociais, e o método fenomenológico hermenêutico como caminho metódico para

questionar as estruturas naturalizadas em nossa sociedade que, à priori, não consideram as diversas possibilidades de existir e os diferentes modos de ser-corpo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tomamos como ponto de partida o modo como a tradição dos estudos sobre gênero e deficiência, que se constituem em áreas distintas de pesquisa e teorização, com objetos e âmbitos delimitados. Entretanto, Magnabosco e Souza (2019) relatam uma aproximação entre os estudos destes campos com a contribuição de pesquisadoras feministas, como Jeanny Morris (1993) e Margaret Lloyd (1992). Questionando essa separação, as autoras sugerem um novo olhar para a compreensão das deficiências, (MAGNABOSCO; SOUZA, 2019), tal debate resultou nos estudos feministas sobre as deficiências (*feminist disability studies*).

É na década de 1980 que a deficiência ganha espaço na academia através da perspectiva das Ciências Sociais. Recebendo o nome de *disability studies* no cenário euro-americano, este campo fundamenta-se como resposta a intensa movimentação social que tem início na década de 1960, buscando igualdade e direitos civis (GAVÉRIO, 2017). Diniz (2007), ao versar sobre o modelo social da deficiência, reconhece a lesão no corpo deficiente, mas destaca que são as ideologias que oprimem segregam e humilham esses corpos. Mello (2016) atribui que os estudos sobre a deficiência contribuem para o surgimento da Teoria *Crip*, originada pelos impactos sociais causados pela teoria *queer* em um diálogo com os *disability studies*. Para ela, enquanto a teoria *queer* sinaliza que a heteronormatividade funciona como elemento norteador da sociedade contemporânea, a Teoria *Crip* postula a corponormatividade como ideia basilar da estrutura social. Sendo assim, as teorias *queer* e *crip* se aproximam no questionamento da hegemonia, de gênero e de corpo (MELLO, 2016).

Sobre essa aproximação, Clímaco (2018) aponta uma certa timidez na inter-relação entre as teorias *queer* e *crip*. A autora sugere que esse distanciamento se dá pela visão, ainda marcante, do modelo médico da deficiência. Isso porque, segundo Clímaco (2018), há um discurso de separação rígida, em dois polos: “normal” e “anormal”, o que atribui aos corpos sem deficiência um poder hegemônico negado aos corpos com deficiência. Os *disability studies* propõem um rompimento com o modelo biomédico da deficiência e o binômio normal/anormal e constroem as suas reflexões atravessadas pela perspectiva social, que desloca a experiência do corpo biológico. Dessa maneira, a estrutura social interpõe dificuldades de participação de forma equânime, que considere as singularidades de todos os indivíduos (GESSER *et. al*, 2019).

Questionando as implicações da relação entre os diversos marcadores sociais de exclusão, Ávila (2014) sugere a inclusão do capacitismo como parte da matriz das teorias



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

feministas, decoloniais e *queer*. Santos, Moreira e Gomes (2020) explicam que o capacitismo é o conjunto de práticas preconceituosas, que fomentam a hierarquização entre os corpos, normatizando como eles devem agir e funcionar orientados pelo componente fisiológico. Mello e Mozzi (2019) destacam que mulheres, pessoas negras e indígenas são vítimas do capacitismo quando são questionados pelo ideal de branquitude e de dominação do sexo biológico. Entretanto, no topo da hierarquia figuram os corpos com alguma deficiência, as principais pessoas oprimidas pelo ideal capacitista.

Refletindo sobre o capacitismo, Marafon e Piluso (2020) sugerem que a sociedade não é adaptada à diversidade dos corpos, o que impacta na estruturação social. Para eles, na sociedade capitalista o corpo deve ser perfeito e produtivo e há patologização e medicalização dos corpos de “diferentes”. Nessa mesma direção, Maior (2017) denuncia que apesar da conquista ampla de direitos, a efetivação dos mesmos ainda deixa a desejar e depende de muita luta e ressalta que os direitos desses corpos se constroem sob a forma de tutela, que se manifesta historicamente como exclusão, assistência e/ou segregação e nunca por via da autonomia.

Lançar um olhar fenomenológico para o corpo é abandonar o caráter tecnicista dos modelos biomédicos atribuídos ao corpo. A partir disso, como afirma Le Breton (2007), pensá-lo enquanto vetor de existência. Esse rompimento com a tradição metafísica, ocorreu a partir do século XX, possibilita a compreensão do corpo enquanto ser-corpo, instância da existência (MELO, 2015). O pensamento heideggeriano traz uma compreensão do binômio mente-corpo diferente da tradição metafísica. Nascimento (2008) explica que na perspectiva de Heidegger a questão não é pensar a mente e o corpo, nem as integrações ou articulações entre estas dimensões, mas de um modo próprio do humano que possibilite vislumbrá-lo em sua complexidade. Heidegger (2009) propõe a compreensão do corpo como "corporar" (Leiben), sendo esta articulada às dimensões temporal e espacial que constituem a unidade dos modos de organização do existente no espaço de realização histórico que é o seu. Mello (2015) explica que esse corporar pertence ao ser-no-mundo, mas o ser-no-mundo não se restringe ao corporar. O corporar é um dos modos de ser do Dasein, sendo completamente inseparável, uma vez que compõe a própria estrutura ser-no-mundo. Na crítica ao modelo biomédico, Heidegger (2009) convida-nos a pensar os corpos sem reducionismos a elementos.

Para os médicos, o fenômeno do corpo como tal está encoberto porque eles apenas se ocupam do corpo material, reinterpretando-o como função corporal. O fenômeno corporal é inteiramente singular, irreduzível a outra coisa, por exemplo irreduzível a mecanismos. É preciso poder aceitar o fenômeno corporal como tal, intacto (HEIDEGGER, 2009, p. 223).

O pensamento heideggeriano nos afasta do ideal dualista "sujeito-objeto", que compreende os corpos como pertencente à matéria e, portanto, passíveis de objetificação. Ou seja, o Dasein não tem um corpo, ele é seu corpo. Assim, existir é ser-corporalmente-no-mundo-junto-às-coisas-com-os-outros. Por outro lado, importa acentuar que a compreensão da problemática do corpo em Heidegger (2009) está articulada a uma outra problemática, qual seja a do método. Isso porque o modo de acesso, pela via da técnica e, conseqüentemente da mensuração e previsibilidade, encerra o corpo enquanto matéria a ser estudada, excluindo tudo o que não seja passível de determinação matemática. Para Heidegger (2009), não se pode admitir que os conhecimentos das ciências naturais sejam absolutizados na lida com os corpos.

Importante destacar que o ser-corpo, assinalado por Heidegger (2009), não é generalizável. O ser-corpo é sempre desse ser singular, desvelado em gestualidades, que dá testemunho do seu acontecer a cada vez como ser-no-mundo. Ou seja, há a necessidade de reconhecermos a corporeidade como lugar de desvelamento de sentido (MELO, 2015). Isso possibilita que as existências, as quais têm seus corpos precarizados no horizonte histórico que é o nosso, possam anunciar e denunciar os seus sofrimentos que não apenas pela palavra dita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um olhar fenomenológico, a experiência do corporar um corpo deficiente pode ser compreendida enquanto modo ser-no-mundo, transpassando o modelo biomédico calculante, de categorização dos corpos-incapazes. À guisa dessa reflexão, somos convidados olhar para modos não hegemônicos de existentes e combater formas contundentes de exclusão, tais como racismo, machismo, lgbtqia+fobia e a transfobia. Este escrito nos move na possibilidade de fazer ressoar as vozes da diversidade silenciadas pelas violências identitárias produzidas no contemporâneo da técnica.

A propormos, recorrendo à Heidegger (2009), a compreensão do corpo visamos rasgar o estatuto da posse sobre a matéria-corpo e desarticular a possibilidade de tutelação dos corpos. Para além de elementos biofisiológicos, o ser-corpo é um modo de ser possível do existente e este fenômeno se articula no espaço de realização histórica que é o seu. Esta explicitação convoca-nos a compreender a deficiência como um possível da condição humana e a nos rebelarmos contra as violências identitárias que oprimem e deslegitimam corpos dissidentes. Por fim, compreendendo o corpo como vetor de realização existencial, perde-se o sentido, já em sua gênese questionável, de segregação e exclusão de um diferente, assim como possibilita-se o abandono do que se produz na contemporaneidade da técnica como superioridade de um modo de ser sobre outro.

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, E. S. Capacitismo como queerfobia. IN: FUNCK, S. B.; MINELLA, L. S.; ASSIS, G. O. (org.). **Linguagens e narrativas: desafios feministas**. v. 1. Tubarão-SC: Ed. Copiart, p. 131-156, 2014.
- BRASIL. **Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm. Acesso em: 15 ago. 2021.
- BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 15 ago. 2021.
- CLÍMACO, J.C. Corpo, Feminismo e Deficiência. IN: NIGRO, C.M.C. et al. (org.) **Corpos que (se) importam: Refletindo questões de gênero na literatura e em outros saberes**. Campinas, SP: Pontes Editores, p.147-160, 2018.
- DINIZ, D. **O que é deficiência**. São Paulo: Editora Brasiliense.2007
- GAVÉRIO, M.A. Nada sobre nós, sem nossos corpos! O local do corpo deficiente nos disability studies. **Revista Argumentos**. Montes Claros. v.14, n.1, p.95-117, 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/article/view/1158>. Acesso em: 09 ago. 2021.
- GESSER, M. *et al.* Psicologia e os estudos sobre deficiência: uma breve introdução. IN: GESSER, M. *et al.* (org.) **Psicologia e pessoas com deficiência**. Florianópolis: Conselho Regional de Psicologia de Santa Catarina - CRP-12: Tribo da Ilha, 2019.p.10-17.
- HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon** (2ªed). Petrópolis: Vozes.2009
- _____. **Ser e Tempo** (7ªed). Petrópolis: Vozes. 2012
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Censo demogr., Rio de Janeiro, p.1-215, 2010.
- LE BRETON, D. **A Sociologia do Corpo**; 2.ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes. 2007
- MAIOR, I. M.M.L. Movimento político das pessoas com deficiência: reflexões sobre a conquista de direitos. **Inclusão Social**, v. 10, n. 2, 2017.
- MAGNABOSCO, M.B., SOUZA, L.L. Aproximações possíveis entre os estudos da deficiência e as teorias feministas e de gênero. **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, v.27, n.2: e56147, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n256147>.

MARAFON, G; PILUSO, R. Deficiência, mulheres e a dimensão do cuidado: compreensões das intersecções em relações jurídico-sociais aplicadas. **Teoria Jurídica Contemporânea**. Rio de Janeiro. v.5, n.1, p.110-134, 2020. DOI: <https://doi.org/10.21875/tjc.v5i1.27991>.

MELO, J.B. "O corpo que habito": possibilidades de compreensão para a experiência do corpo amputado. Orientadora: Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto, 2015, 130 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2015.

MELLO, A.G. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em pesquisa da UFSC. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.21, n.10, 3265-3276, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.07792016>.

MELLO, A.G., MOZZI, G. Deficiência e Psicologia: Perspectivas Interseccionais. IN: GESSER, M. et al. (org). **Psicologia e pessoas com deficiência**. Florianópolis: Conselho Regional de Psicologia de Santa Catarina - CRP-12: Tribo da Ilha, 2019.p.26-42.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório mundial sobre a deficiência**. São Paulo: SEDPcD, 2012

SANTOS, T.V.; MOREIRA, M.C.N.; GOMES, R. Performance e deficiência: caminhos para reinvenção da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**. v.25, n.8, p.3143-3152, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020258.28292018>.